

GUIA DE VISITA



CHÂTEAU DE
CHENONCEAU

**Diane de Poitiers 1499 - 1566**

Em 1547, o rei Henrique II ofereceu o castelo de Chenonceau a Diane de Poitiers, sua favorita, que além de bela e inteligente tinha um apurado senso comercial. Foi ela que mandou construir o jardim do castelo, um dos mais espetaculares e modernos da época. Com a construção da famosa ponte sobre o rio Cher, Diane conferiu a Chenonceau sua arquitetura única no mundo.

**Catarina de Médicis 1519 - 1589**

Viúva de Henrique II, Catarina de Médicis desalojou Diane após a morte do rei. Coube a ela tornar os jardins ainda mais belos e dar prosseguimento às obras de arquitetura. A galeria, cuja altura foi ampliada para dois andares, passou a ser palco de suntuosos bailes. Como regente, Catarina administrava o reino em seu Gabinete Verde. Ela trouxe para o castelo o fasto das cortes italianas e instaurou a autoridade do jovem monarca.

**Louise de Lorraine 1553 - 1601**

Em 1589, ao perder seu esposo Henrique III, Louise de Lorraine retirou-se no castelo, adotando o luto branco, como rezava a etiqueta da corte. Esquecida por todos, lutou para manter um padrão de vida digno de uma rainha viúva. Seu tempo era dedicado à leitura, a obras de caridade e a orações. Louise de Lorraine foi a última representante da realeza a viver no castelo Chenonceau.

CASTELO DE CHENONCEAU O CASTELO DAS DAMAS

**Louise Dupin 1706 - 1799**

No século XVIII, Louise Dupin, extraordinária personagem do Século das Luzes, resgatou o fasto do castelo. Os brilhantes saraus que organizava eram frequentados pela elite de escritores, poetas, cientistas e filósofos da época – entre os quais Montesquieu, Voltaire e Rousseau. Hábil protetora de Chenonceau, ela conseguiu preservar o castelo contra as ameaças da Revolução Francesa.

**Marguerite Pelouze 1836 - 1902**

Em 1864, Marguerite Pelouze, originária da burguesia industrial, decidiu transformar o castelo e seu parque num espaço em que pudesse dar vazão a seu gosto por ambientes de pompa e luxo, gastando uma fortuna para restaurar o monumento à imagem do que era na época de Diane de Poitiers. Um sombrio escândalo político causou sua ruína. Chenonceau foi sucessivamente vendido, até 1913.

**Simonne Menier 1881 - 1972**

Durante a Primeira Guerra Mundial, embora longe das trincheiras, Chenonceau conheceu as dores da guerra. Simone Menier, enfermeira chefe, administrou o hospital instalado nas duas galerias do castelo, que foram reformadas e equipadas graças ao apoio pecuniário de sua família (dona da empresa Chocolats Menier). Até 1918, mais de 2 mil feridos foram acolhidos no castelo. A coragem de Simone Menier inspirou inúmeras ações de resistência durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Para construir o castelo de Chenonceau sobre o rio Cher, no século XVI, Thomas Bohier e sua esposa Katherine Briçonnet decidiram demolir a cidadela e o moinho fortificado pertencentes à família Marques, preservando apenas o donjon – a chamada “Torre dos Marques” – que eles reformaram segundo os padrões estéticos da Renascença.

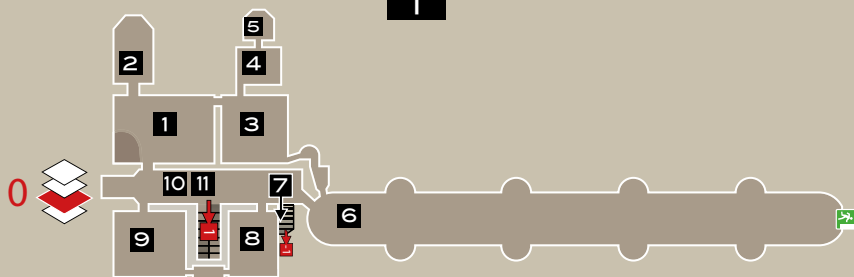
O átrio reproduz a planta típica de um antigo castelo medieval delimitado por fossos.

Ao lado da torre, o poço exibe o emblema da família Marques: uma quimera e uma águia.

Seguindo em direção ao castelo, que foi construído sobre os pilares do antigo moinho fortificado, vê-se a monumental porta de entrada. Em madeira talhada e pintada, essa peça da época de François I apresenta, à esquerda, as armas de Thomas Bohier e, à direita, as de sua esposa Katherine Briçonnet, responsáveis pela construção de Chenonceau. Na parte superior, veem-se a salamandra de François I e a inscrição *“FRANCISCUS DEI GRATIA FRANCORUM REX - CLAUDIA FRANCORUM REGINA”* (François, pela graça de Deus, rei da França e Cláudia, rainha da França).

O ÁTRIO E A TORRE DOS MARQUES





Este cômodo era reservado aos militares encarregados da proteção dos monarcas.

O brasão de Thomas Bohier ornamenta a lareira do século XVI.

Na porta em madeira de carvalho (também da Renascença), vê-se, sob as figuras de seus santos patronos (Santa Catarina e São Tomé), o lema de Thomas Bohier e Katherine Briçonnet: *"S'il vient à point, me souviendra", que significa "Se eu conseguir construir Chenonceau, meu nome será lembrado"*.

Nas paredes, uma série de tapeçarias de Flandres do século XVI retrata CENAS DA VIDA NO CASTELO, UM PEDIDO DE CASAMENTO E UMA EXPEDIÇÃO DE CAÇA. Os baús são de estilo gótico e renascentista. No século XVI, eram usados para colocar objetos de prata, louças e tapeçarias que a Corte transportava de uma residência a outra.

O teto, com vigas aparentes, exhibe os dois "C" entrelaçados de Catarina de Médicis. No solo subsistem vestígios de uma maiólica do século XVI.

A SALA DE GUARDA



A Sala de Guarda dá acesso à Capela por uma porta, acima da qual se vê uma estátua da Virgem.

Os painéis dessa porta, fabricada em madeira de carvalho, exibem figuras do Cristo e de São Tomé e palavras do evangelho segundo São João: *"INFER DIGITU TUUM HUC - DNS MEUS ET DEUS ME"* (*– Põe teu dedo aqui. – Meu Senhor e meu Deus!*).

Os vitrais do século XX (1954), cujos originais foram destruídos por um bombardeio em 1944, são obra do mestre vitralista Max Ingrand.

No nicho à direita, uma VIRGEM COM O MENINO, em mármore de Carrare, esculpida por Mino da Fiesole.

Dominando a nave, a tribuna real data de 1521. Era ali que as rainhas assistiam à missa.

À direita do altar, vê-se uma credência em pedra de cantaria trabalhada e decorada com o lema do casal Bohier.

Ao entrar, à direita, ainda é possível ler nas paredes inscrições em inglês deixadas por guardas escoceses da rainha Maria Stuart: *"A ira do Homem não cumpre a Justiça de Deus"* (datada de 1543) e *"Não se deixem vencer pelo Mal"* (1546). Nas paredes, os quadros exploram motivos religiosos:

- **Il Sassoferatto:** A VIRGEM COM VÉU AZUL.
- **Alonso Cano:** JESUS PREGANDO DIANTE DE FERNANDO E ISABEL.
- **Jouvenet:** ASSUNÇÃO.
- **Sebastiano del Piombo:** SEPULTAMENTO.
- **Murillo:** SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA.
- **Escola Francesa do século XV:** ANUNCIAÇÃO.

A Capela foi preservada durante a Revolução Francesa graças à ideia de Madame Dupin, sua proprietária, de usá-la como depósito para lenha, ocultando assim o caráter religioso do local.

A CAPELA



Este aposento foi o quarto da favorita do rei Henrique II: Diane de Poitiers, a quem o monarca ofereceu o castelo de Chenonceau. Em 1559, quando Henrique II morreu durante um torneio, em um singular combate contra Gabriel Montgomery (capitão da guarda escocesa), sua viúva, a rainha Catarina de Médicis, fez com que Diane restituísse o castelo de Chenonceau e, em troca, lhe ofereceu o castelo de Chaumont-sur-Loire.

A lareira construída por Jean Goujon, escultor francês da Escola de Fontainebleau, e o teto com painéis de madeira exibem as iniciais de Henrique II e Catarina de Médicis (H e C) – que, entrelaçadas, podiam formar a letra D de Diane de Poitiers. A restauração do quarto foi iniciativa de Madame Pelouze. O leito com baldaquino, as poltronas Henrique II revestidas de couro de Córdoba e a magnífica mesa de marchetaria ao lado da cama são de estilo renascentista. Uma bela estatueta de bronze do século XIX, representando “Diana de Anet”, evoca a presença da favorita do rei. Acima da lareira, um retrato de Catarina de Médicis realizado por Sauvage.

Datadas do século XVI, duas tapeçarias de Flandres de grandes dimensões representam:

- O TRIUNFO DA FORÇA, montada em uma carruagem puxada por dois leões e cercada por personagens do Antigo Testamento. Na borda superior, uma frase em latim que significa: “Aquele que ama sinceramente as dádivas celestes não recua diante dos atos que a Piedade lhe impõe”.

- O TRIUNFO DA CARIDADE. Cercada de episódios bíblicos, a Caridade segura em uma das mãos um coração e, com a outra, aponta para o sol. A frase em latim significa: “Aquele que manifesta a força do coração diante do perigo recebe como recompensa a Salvação em sua morte”.

À esquerda da janela: O CRISTO DESPROVIDO DE ROUPAS, obra de Ribalta, Mestre de Ribera. À direita da lareira: VIRGEM COM MENINO, pintura de Murillo. Sob esse quadro, uma biblioteca abriga os arquivos de Chenonceau, dos quais um exemplar, apresentado através do vidro, mostra as assinaturas de Thomas Bohier e Diana de Poitiers.

O QUARTO DE DIANE DE POITIERS



Este era o gabinete de trabalho de Catarina de Médicis, que se tornou regente do reino com a morte do rei Henrique II, seu esposo.

Era aqui, neste compartimento do castelo, que ela governava a França.

No teto, realizado no século XVI e conservado em seu estado original, distinguem-se os dois "C" entrelaçados de suas iniciais.

A tapeçaria de Bruxelas do século XV, decorada com folhas de ARISTOLÓQUIA, reúne os estilos gótico e renascentista. Duas características sobressaem dessa peça excepcional: a cor verde original, que com o tempo se transformou em azul, e os motivos, inspirados no descobrimento do continente americano – faisões prateados do Peru, abacaxis, orquídeas, romãs, ou seja, animais e vegetais que, até 1492, eram desconhecidos na Europa.

De cada lado da porta, veem-se **duas papelarias italianas do século XVI**.

Nas paredes, uma coleção de pinturas, das quais as mais importantes são:

- **Tintoretto**: A RAINHA DE SABÁ E RETRATO DE UM DOGE.
- **Jordaens**: SILENE ÉBRIA.
- **Golsius**: SANSÃO E O LEÃO.
- **Ribera**: TRÊS BISPOS.
- **Jouvenet**: JESUS EXPULSA OS MERCADORES DO TEMPLO.
- **Spranger**: CENA ALEGÓRICA PINTADA SOBRE METAL.
- **Veronese**: ESTUDO DE CABEÇA DE MULHER.
- **Poussin**: A FUGA PARA O EGITO.
- **Van Dyck**: AMOR E SÍMIOS

GABINETE VERDE



Este pequeno cômodo, usado por Catarina de Médicis como gabinete de trabalho, oferece uma vista magnífica sobre o rio Cher, a ilha e o Jardim de Diane.

O teto em madeira de carvalho decorado com painéis data de 1525. De estilo italiano e com pequenas chaves de abóbadas pendentes, foi um dos primeiros tetos desse gênero de que se tem notícia na França. Nele estão gravadas as iniciais T.B.K., que remetem ao casal responsável pela construção do castelo: Thomas Bohier e Katherine Briçonnet.

Acima da porta, uma obra de **Andrea del Sarto**: SAGRADA FAMÍLIA.

E de cada lado:

- **Bassano**: Cenas da vida de São Bento.
- **Il Correggio**: A MÁRTIR.
- **Jouvenet**: HELIODORO.
- **Poussin**: O RAPTO DE HEBE E GANIMEDES, escanções dos deuses chamados ao Olimpo.

A BIBLIOTECA



Do quarto de Diane de Poitiers, o visitante tem acesso à galeria por uma pequena passagem.

Em 1576, como indicado na planta de Philibert de l'Orme, Catarina de Médicis encomendou a Jean Bullant a construção de uma galeria sobre a ponte de Diane de Poitiers.

Com 60 metros de comprimento e 6 metros de largura, iluminada por 18 janelas, com solo revestido de tufo calcário e ardósia e teto com vigas aparentes, a galeria era usada como um magnífico salão de baile.

Sua inauguração deu-se em 1577, com as festas organizadas por Catarina de Médicis em homenagem a seu filho, o rei Henrique III.

Em cada extremidade, duas belas lareiras da Renascença, embora uma seja apenas decorativa, emoldurando a porta Sul, voltada para a margem esquerda do rio Cher.

No início do século XIX, a galeria foi ornamentada com medalhões provenientes do Museu de Petits Augustins, representando personagens históricos famosos.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Gaston Menier, proprietário de Chenonceau, instalou no castelo, às suas próprias custas, um hospital. Os diversos serviços ocupavam todos os cômodos do monumento.

Na Segunda Guerra Mundial, o rio Cher constituía uma linha de demarcação de territórios. A entrada do castelo, à margem direita, ficava situada na região ocupada pelos nazistas. Pela porta Sul da galeria, que dava acesso à margem esquerda, um grande número de resistentes conseguiu passar para a zona livre de dominação alemã. Durante os anos de guerra, Chenonceau viveu constantemente sob a ameaça de um destacamento alemão que, a qualquer momento, poderia receber ordem de destruir o castelo.

A GALERIA





A cozinha de Chenonceau, composta por três salas, fica situada no imenso porão formado pelas duas primeiras pilastras fincadas no leito do rio Cher.

A copa é um compartimento de pouca altura, com duas abóbadas de vigas cruzadas. A lareira, do século XVI, é a maior do castelo. Ao lado, o forno em que se assava o pão.

A copa era usada:

- para servir a sala de refeições reservada aos empregados do castelo e, no passado, aos nobres cavaleiros que cercavam Louise de Lorraine.
- como açougue, do qual ainda se veem os

ganchos usados para suspender os produtos da caça e as pranchas para cortar a carne.

- como despensa, para o armazenamento de víveres.

- como passagem que conduzia à cozinha propriamente dita. Em toda a extensão que vai de uma pilastra a outra, vê-se uma plataforma onde acostavam os barcos com provisões para o castelo (diz a lenda que a plataforma era chamada "Banho de Diane" ou "Banho da Rainha"). Durante a Primeira Guerra Mundial, a cozinha, de estilo renascentista, foi equipada com dispositivos modernos, necessários à transformação do castelo em hospital.

COZINHA



Nesta sala encontra-se uma das mais belas lareiras da Renascença. Sobre o console, a inscrição com o lema de Thomas Bohier: "S'il vient à point, me souviendra" (Se eu conseguir construir Chenonceau, meu nome será lembrado), que complementa o brasão acima da porta, ladeado por duas sereias.

A sala é mobiliada com três credências francesas do século XV e uma papelreira italiana do século XVI. Esta última peça, excepcional pelas incrustações de madrepérola e marfim gravadas com ponta de pluma, foi um presente de casamento oferecido a François II e Maria Stuart.

Na parede, uma pintura de **Primaticcio**, da Escola de Fontainebleau, retrata DIANE DE POITIERS COMO A DEUSA DA CAÇA DIANA. O quadro, realizado em Chenonceau em 1556, exibe na moldura o brasão de Diane de Poitiers, duquesa de Étampes.

De cada lado, veem-se os seguintes quadros: TRÊS RETRATOS DE HOMENS, de **Ravesteyn**; AUTORRETRATO, de **Van Dyck**; e RETRATO DE MULHER COM COLARETE, de **Miervelt**.

Ao lado, um grande retrato de LAURE VICTOIRE MANCINI COMO DIANA, deusa da caça. Sobrinha de Mazarin, esposa de Luís II (duque de Vendôme) e duquesa de Mercœur, Laure Victoire foi proprietária de Chenonceau no século XVII.

Em cada lado da janela, um quadro: ARQUIMEDES, de **Zurbarán**, e DOIS BISPOS (início do século XVII).

À direita da lareira, o quadro AS TRÊS GRAÇAS, de **Van Loo**, retrata as demoiselles de Nesle: Madame de Châteauroux, Madame de Vintimille e Madame de Mailly, três irmãs que foram, sucessivamente, as favoritas do rei Luís XV.

SALÃO FRANÇOIS I



Como recordação da visita que fez a Chenonceau em 14 de julho de 1650, anos mais tarde Luís XIV ofereceu a seu tio, duque de Vendôme, seu próprio RETRATO realizado por **Rigaud**, bem como os móveis revestidos de tapeçaria de Aubusson e o console, obra do famoso ebanista Boulle. A moldura do quadro merece especial atenção: feita por **Lepautre**, ela foi construída com apenas quatro imensas peças de madeira.

Sobre a lareira da Renascença, as figuras da Salamandra e do Arminho remetem a François I e à rainha Cláudia da França.

Em torno do teto com vigas aparentes, a cornija exibe as iniciais do casal Bohier (T.B.K.). Na parede ao lado Leste, uma obra de **Rubens**: O MENINO JESUS E SÃO JOÃO BATISTA. O quadro foi adquirido de José Bonaparte, nomeado para o trono da Espanha por seu irmão Napoleão I.

O salão apresenta uma rica coleção de pinturas francesas dos séculos XVII e XVIII:

- **Van Loo**: RETRATO DO REI LUÍS XV.
- **Nattier**: A PRINCESA DE ROHAN.
- **Netscher**: RETRATO DE CHAMILLARD, ministro de Luís XIV, e Retrato de Homem.
- **Jean Ranc**: RETRATO DE FILIPE V, REI DA ESPANHA e neto de Luís XIV.

Vê-se também um grande RETRATO DE SAMUEL BERNARD, banqueiro de Luís XIV, realizado por **Mignard**. O riquíssimo Samuel Bernard era pai de Madame Dupin, cujo RETRATO, pintado por **Nattier**, ressalta sua graça e inteligência.

Louise Dupin (1706 - 1799), antepassada por aliança de George Sand, foi proprietária de Chenonceau no século XVIII. Protetora dos Enciclopedistas, ela acolheu no castelo personalidades como Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Diderot, d'Alembert, Fontenelle e Bernardin de Saint-Pierre. Graças a sua bondade, generosidade e inteligência, Chenonceau foi preservada da destruição durante a Revolução Francesa.

SALÃO LUÍS XIV



O vestíbulo é coberto por uma série de abóbadas ogivais cujas chaves, em dissimetria, criam uma linha poligonal. Os cestos para os quais convergem as linhas são ornamentados com folhagens, rosas, cabeças de anjos, quimeras e cornos da abundância. Realizado em 1515, o vestíbulo é um dos mais belos exemplos de escultura decorativa da Primeira Renascença Francesa.

Na entrada, acima das portas, dois nichos abrigam as estátuas de São João Batista (santo patrono de Chenonceau) e de uma Madona italiana de estilo Luca Della Robbia. A mesa de caça, estilo Renascença, é em mármore italiano. Acima da porta de entrada, um vitral moderno (1954), realizado pelo mestre vitralista Max Ingrand, representa a lenda de Santo Humberto.

O VESTÍBULO

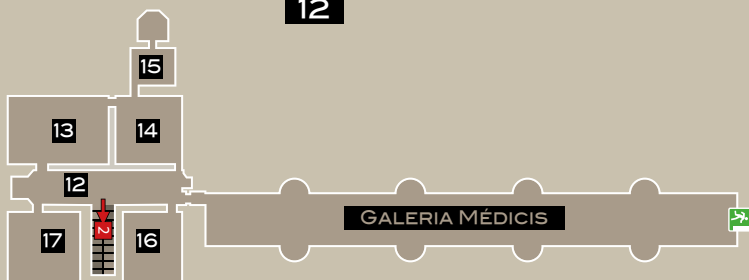


Do vestíbulo, uma porta em madeira de carvalho do século XVI dá acesso às escadas. As figuras talhadas nos painéis dessa porta simbolizam a Antiga Lei (representada por uma mulher de olhos vendados, segurando um livro e um bastão de peregrino) e a Nova Lei (com o rosto descoberto, segurando uma folha de palma e um cálice).

A escada que conduz ao primeiro andar foi uma das primeiras escadas retas (rampas sucessivas) construídas na França, com base no modelo italiano. A escadaria é coberta por uma abóbada inclinada com nervuras, entrecortadas de ângulos retos; as juntas de interseção são decoradas com chaves e os painéis exibem figuras humanas, frutas e flores (na época da Revolução, alguns motivos foram destruídos a marteladas). Entre os dois lances da escada, um patamar forma uma loggia com balaustrada, da qual se pode admirar o rio Cher. Um belo e antigo medalhão, representando um busto de mulher com os cabelos em desordem, orna o início do segundo lance de degraus.

A ESCADA





O piso do vestíbulo do primeiro andar é revestido de lajotas de cerâmica, estampadas com uma flor de lis atravessada por uma adaga. O teto tem vigas aparentes.

Acima das portas, os medalhões de mármore importados da Itália por Catarina de Médicis retratam imperadores romanos: Galba, Cláudio, Germânico, Vitélio e Nero.

A série de seis tapeçarias de Audenarde do século XVII representa CENAS DE CAÇA realizadas a partir de modelos de **Van der Meulen**.

Do balcão do vestíbulo, é possível avistar a torre dos Marques e o átrio, que evidencia o desenho da fortaleza medieval.

À direita, margeado por canteiros elevados, estende-se o jardim de Diane de Poitiers, sob o olhar protetor da Chancelaria. No lado oposto, o jardim de Catarina de Médicis, mais íntimo, com um lago ornamental no centro.

VESTÍBULO DE KATHERINE BRIÇONNET



O nome deste quarto faz referência às duas filhas e às três noras de Catarina de Médicis. As filhas eram a rainha Margot (esposa de Henrique IV) e Elisabeth da França (esposa de Philippe II da Espanha); as noras, Maria Stuart (esposa de François II), Elisabeth da Áustria (esposa de Charles IX) e Louise de Lorraine (esposa de Henrique III).

O teto em caixão do século XVI é composto pelos lambris da antessala dos apartamentos de Louise de Lorraine.

A lareira é de estilo renascentista.

As paredes são cobertas por uma série de tapeçarias de Flandres do século XVI e representam: O CERCO DE TROIA E O RAPTO DE HELENA; JOGOS CIRCENSES NO COLISEU; A COROAÇÃO DO REI DAVI.

À esquerda da lareira, um fragmento de tapeçaria do século XVI evoca um episódio da VIDA DE SANSÃO.

O quarto é mobiliado com uma grande cama com baldaquino, duas credências góticas (sobre as quais estão expostos dois bustos de mulher em madeira policromática do século XV), além de um baú de viagem decorado com tachas.

Nas paredes:

- **Rubens:** A ADORAÇÃO DOS MAGOS, pintura adquirida do rei da Espanha, mostrando um detalhe da obra exposta no Museu do Prado.
- **Mignard:** Retrato da DUQUESA DE OLLONNE.
- **Escola Italiana do Século XVII:** APOLO EM VISITA A ADMETO, O ARGONAUTA.

O QUARTO DAS CINCO RAINHAS



No quarto de Catarina de Médicis, o teto de madeira é decorado com painéis quadrados, pintados e dourados. Nos painéis, veem-se o brasão dos Médicis e, no centro, as iniciais "C" e "H" entrelaçadas, de Catarina e Henrique. Os demais painéis são ornamentados de motivos vegetais entalhados, semelhantes ao teto do Gabinete Verde. A rica mobília entalhada e o raríssimo conjunto de tapeçarias de Flandres que decoram o quarto datam do século XVI. As tapeçarias ilustram um tema bíblico: A VIDA DE SANSÃO.

Dignas de nota são as margens dessas tapeçarias, repletas de animais que simbolizam provérbios ("MAIS VALE A HABILIDADE QUE A ESPERTEZA", por exemplo) e fábulas (como "A OSTRA E O CARANGUEJO").

No centro do cômodo, é possível admirar a cama com baldaquino característica da Renascença, ornada com frisos, pilastras e perfis inspirados em medalhas da Antiguidade. À direita da cama, uma pintura sobre madeira de autoria de **Il Correggio** tem como tema "A EDUCAÇÃO DO AMOR". Uma versão dessa obra sobre tela pode ser vista na National Gallery de Londres.

A lareira e o piso com lajotas de terracota são de estilo renascentista.

O QUARTO DE CATARINA DE MÉDICIS



O quarto de Catarina de Médicis dá acesso a dois pequenos cômodos que compõem o Gabinete de Estampas. Na primeira saleta, o destaque é o magnífico teto, ornado com uma pintura sobre tela, e uma elegante lareira. Ambos são vestígios da decoração do castelo de Chenonceau idealizada por Madame Dupin no século XVIII.

Na segunda sala, com vista para o rio Cher, o teto e a lareira são de estilo renascentista.

O gabinete reúne uma coleção completa e variada de desenhos, gravuras e estampas que representam o castelo em diversos períodos. Abrangendo desde o século XVI, época de Diane de Poitiers, com uma sanguina (primeira imagem em que aparece a ponte) até as aquarelas de arquitetos do século XIX, os documentos permitem acompanhar as principais etapas da construção do castelo de Chenonceau e as mudanças projetadas pelos diversos proprietários, além da elaboração dos jardins.

GABINETE DE ESTAMPAS



A nova Galeria Médicis, situada no primeiro andar do monumento, apresenta uma **coleção inédita de pinturas, tapeçarias, móveis e objetos de arte**, entre os quais “O CASTELO DE CHENONCEAU”, pintura a óleo de **Pierre-Justin Ouvrié (1806-1879)**; “O RIO CHER”, **tapeçaria de Neuilly (1883)**; um **buffet com duas peças estilo Haute Époque**, pertencente ao acervo original do castelo de Chenonceau; a escultura “VÊNUS DE MÉDICIS”; além de um **precioso Gabinete de Curiosidades**.

A Galeria expõe também **documentos e arquivos** que contribuem para uma melhor compreensão das etapas de construção do castelo e dos eventos que marcaram sua história. A visita é completada pela biografia, retraçada ao longo dos séculos, das seis notáveis Damas que zelaram pelo destino de Chenonceau.

GALERIA MÉDICIS



Duque de Vendôme, filho do rei Henrique IV e de Gabrielle d'Estrées e tio de Luís XIV, César se tornou proprietário de Chenonceau em 1624. Neste cômodo, destacam-se:

- O belíssimo teto com vigas aparentes, sustentado por uma cornija decorada com canhões.
- A lareira da Renascença (dourada e pintada, no século XIX, com o brasão de Thomas Bohier).
- A janela voltada para o oeste, ornada com duas cariátides de madeira do século XVII.

As paredes são revestidas com uma série de três tapeçarias de Bruxelas do século XVII – "O CICLO DE CERES" – que ilustram o mito da alternância das estações. As magníficas bordas, típicas do estilo de Bruxelas, exibem guirlandas de frutas e flores emergindo de cornos da abundância. O leito com baldaquino e os móveis que decoram o quarto são da Renascença.

À esquerda da janela, um quadro de **Murillo**: RETRATO DE SÃO JOSÉ.

O QUARTO DE CÉSAR DE VENDÔME



Este quarto evoca a lembrança de Gabrielle d'Estrées, a favorita e o grande amor do rei Henrique IV, mãe de seu filho legítimo César de Vendôme. O teto com vigas aparentes, o piso, a lareira e os móveis são da Renascença.

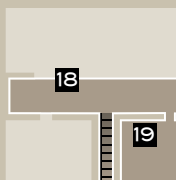
Ao lado da cama com baldaquino, a tapeçaria de Flandres do século XVI é denominada "CENAS DA VIDA NO CASTELO, O AMOR".

As três outras paredes são revestidas com uma rara série de tapeçarias de Bruxelas do século XVII, conhecida como "OS MESES LUCAS": JUNHO (signo de Câncer, a Tosa dos Ovinos), JULHO (signo de Leão, a Caça ao Falcão) e AGOSTO (signo de Virgem, o Pagamento dos Lavradores).

Os modelos foram desenhados por Lucas de Leyde, amigo de Dürer. Acima da papeleira, uma tela anônima do Século XVI, representando Santa Cecília, patrona dos músicos. Acima da porta, um quadro de **Ribalta**: CRIANÇA COM CORDEIRO.

O QUARTO DE GABRIELLE D'ESTRÉES





Este recinto manteve intactas as restaurações efetuadas no século XIX pelo arquiteto Roguet, discípulo de Viollet le Duc, a pedido de Madame Pelouze, na época proprietária.

Chama a atenção a tapeçaria de Audenaarde do século XVI, ilustrando a BATALHA DE KOSOVO POLJE (Champ des Merles, 15 de junho de 1389). Apesar das incertezas que cercavam o final dessa batalha que opunha os príncipes cristãos dos Bálcãs ao Império Otomano, ela selou a paz entre a rainha Milica da Sérvia e o sultão Bayezid I.

De cada lado da tapeçaria, duas pinturas de **Pierre Justin Ouvrié** representam o CASTELO DE CHENONCEAU. As duas credências, as duas mesas e o revestimento do piso são da Renascença. Nos séculos XVIII e XIX, este vestíbulo do segundo andar era comumente chamado "Bourbon Vendôme".

O VESTÍBULO DO SEGUNDO ANDAR



Depois do assassinato de seu esposo – o rei Henrique III – pelo monge Jacques Clément, em 1º de agosto de 1589, Louise de Lorraine retirou-se para Chenonceau, onde teve uma vida de recolhimento e preces.

Cercada por sua fiel corte e sempre vestida de branco (como preconizava a etiqueta relativa ao luto real), Louise de Lorraine ficou conhecida como “a Rainha Branca”.

Em torno do teto original, foi possível reconstituir o quarto, decorado com símbolos de luto: plumas (que representam as penas da alma), lágrimas de prata, pás de coveiros, coroas de espinhos e a letra grega lambda (Λ), inicial de Louise, entrelaçada com a letra êta (H), de Henrique III, cujo retrato, realizado por François Clouet, ornamenta o torreão.

O CRISTO GÓTICO COM COROA DE ESPINHOS, A CENA RELIGIOSA (elemento de um retábulo do século XVI) e o genuflexório ressaltam a atmosfera piedosa e fúnebre desse cômodo.

A cama e o mobiliário são do século XVI.

As freiras capuchinhas que Louise de Lorraine trouxe para o castelo, instalando-as no terceiro andar, só voltaram ao convento de origem no século XVII.

O QUARTO DE LOUISE DE LORRAINE





JARDIM DE DIANE DE POITIERS

A estrutura do parque permaneceu a mesma desde sua criação por Diane de Poitiers, mas o desenho atual é obra de Achille Duchêne (1866-1947). O jardim é dominado pela Chancelaria, antiga residência do intendente de Catarina de Médicis.

Duas alamedas perpendiculares e duas outras em diagonal delimitam oito grandes triângulos de gramados decorados com delicadas volutas de santolinas (12.000 m²), que convergem para um chafariz presente no parque desde a época de Diane de Poitiers.



Os terraços elevados, que protegem a área contra as cheias do rio Cher, são ornados com vasos e contêm arbustos, teixos, evônimos-da-europa, buxos e loureiros-rosa que conferem ritmo ao desenho dos maciços. No verão, mais de cem pés de hibiscos inundam o jardim de flores. Entre esses arbustos, os canteiros de flores realçam a rigorosa geometria do jardim. No outono, amores-perfeitos se revezam com margaridas, mantendo o jardim florido durante todo o inverno. Na primavera, mudas de petúnias, nicotianas, dalias, verbenas e begônias são repicadas e aguardam, pacientes, a chegada do outono seguinte. Em torno do jardim, os muros que sustentam os terraços são recobertos de roseiras Iceberg do tipo trepadeira.



JARDIM DE CATHERINE DE MÉDICIS

Com 5.500 m² de área, o Jardim da rainha Catarina de Médicis oferece um ambiente mais “íntimo” que o Jardim de Diane, além de um toque adicional de requinte.

Dominando as águas do rio e o parque, suas alamedas oferecem uma vista magnífica para a fachada oeste do castelo. O desenho é estruturado em cinco canteiros cobertos de grama, reunidos em torno de um elegante lago ornamental circular e pontuados por esferas de buxos.



Ao leste, o jardim é margeado por uma mureta que delimita o fosso, com uma paliçada de rosas-trepadeiras Clair-Matin. Roseiras em forma de arvoretas e fileiras de lavanda, com poda baixa e redonda, desenharam o harmonioso traçado. Ao norte, a perspectiva que se tem do Jardim Verde e da Orangerie foi criada por Bernard Palissy.



JARDIM VERDE

De frente para o Jardim de Catarina, na face norte, o Jardim Verde foi construído a pedido da condessa de Villeneuve, renomada botanista e então proprietária, que desejava ter um jardim inglês. A perspectiva que se abre para o Castelo foi projetada em 1825 por Lord Seymour. Uma notável coleção de árvores proporciona uma sombra generosa a essa área totalmente gramada. O extraordinário conjunto com ramagem secular é composto por três plátanos, dois cedros-atlas, um pinheiro-espanhol, uma catalpa, uma castanheira, dois pinheiros-do-oregon, duas sequoias, uma robínia, uma nogueira-negra e um carvalho-verde. A L'Orangerie, construída nos séculos XVIII e XIX, oferece uma vista para os contornos do Castelo que se desenharam através do Jardim Verde. No século XVI, Catarina de Médicis decidiu usar esse local para abrigar um parque de animais e seus aviários.



O LABIRINTO

Situado em uma clareira do parque com 70 hectares, o labirinto italiano, iniciativa de Catarina de Médicis, reúne 2 mil teixos que ocupam 1 hectare. No centro, um pequeno pavilhão elevado oferece um panorama geral da área. O pavilhão é recoberto com vime vivo e decorado, na parte superior, com uma estátua de Vênus. Ao lado, sobre um tronco de cedro, a estátua de uma ninfa carregando o deus Baco quando criança. Um arvoredo pontuado de vasos com buxos e heras contorna o labirinto e permite contemplar, quando se olha ao leste, as monumentais cariátides de Jean Goujon. As cariátides (Pallas e Cibele) e os atlantes (Hércules e Apolo) que decoravam a fachada do castelo foram reunidos na parte de trás do labirinto.



A GALERIA DE CARRUAGENS

A Galeria de Carruagens, situada na grande estrebaria da Fazenda do século XVI, reúne uma rara coleção de veículos de tração animal usados tanto por representantes da nobreza como por camponeses. Algumas tipicamente francesas, como os modelos Break e Tonneau, outras importadas da Inglaterra, como o Tilbury, essas carruagens são parte integrante de um patrimônio que devemos preservar. Usadas para transportar grandes senhores ou como veículo rural, elas eram usadas principalmente no século XIX, podendo ainda hoje ser vistas em certas regiões da França.



A FAZENDA DO SÉCULO XVI

A fazenda, um extraordinário complexo do século XVI que abrange a estrebaria de Catarina de Médicis, dá para a horta do castelo. Na parte central do imóvel funciona o ateliê floral onde trabalham, o ano todo, dois floristas. Elemento fundamental para o charme de Chenonceau, a decoração floral é realizada todos os dias, em cada cômodo do castelo. Os buquês de flores frescas cultivadas no jardim e as lareiras acesas no inverno comprovam o compromisso dos responsáveis pelo castelo de sempre acolherem os visitantes como convidados de honra.



A HORTA E AS FLORES

A horta, aberta aos visitantes, é um convite a um passeio sem compromisso. Ocupando mais de um hectare, ela está estruturada em 12 quadrados delimitados por macieiras e arvoretas de rosas Queen Elisabeth. Cerca de 10 jardineiros cultivam nesse espaço uma centena de variedades de flores usadas na decoração do castelo, bem como mais de 400 roseiras. Na horta são cultivadas também diversas variedades de legumes e plantas, bem como flores originais, além de tuberosas e agapantos. Duas antigas estufas permitem o cultivo de bulbos de jacintos, angélicas, narcisos e tulipas, assim como a preparação de mudas. Os pássaros e animais presentes nesse parque convivem em perfeito entrosamento com os asnos de Chenonceau.



RESTAURANTE L'ORANGERIE – CASA DE CHÁ

Situado em frente ao Jardim Verde e projetado inicialmente para proteger laranjeiras e limoeiros durante o inverno, o local onde funcionava a serra é atualmente o restaurante gastronômico L'Orangerie. O matrimônio de Henrique II e Catarina de Médicis representou também a aliança entre duas magníficas vertentes da gastronomia: Itália e a França. Os princípios preconizados por Jean-Jacques Rousseau, que defendia, bem antes da tendência atual, o consumo de produtos locais em função do ritmo das estações, inspiraram Madame Dupin, brilhante anfitriã de Chenonceau no século XVIII. Desde a Renascença, com suas festas suntuosas, Chenonceau perpetua uma tradição de requinte que se reflete na arte de receber e na grande cozinha.

O restaurante gastronômico L'Orangerie cultiva esse espírito e acolhe, em 2015, um novo chef estrelado, discípulo de Georges Blanc e Bernard Loiseau. Desde o século XVI, os vinhedos localizados nas terras em torno do parque produzem vinhos renomados. Os produtos com a nova denominação de origem controlada AOC Touraine-Chenonceaux podem ser degustados na histórica adega de Dômes.

Os restaurantes e a casa de chá abrem suas portas entre meados de março e meados de novembro. Para ter acesso aos restaurantes, é necessário comprar o ingresso ao castelo.

**NO MÊS DE JUNHO: NOVO JARDIM
«HOMENAGEM A RUSSELL PAGE»**

- | | | | | | | |
|---|-------------------|----|-----------------------------------|----|----------------------------------|---|
| 1 | Bilheteria / Loja | 7 | Jardim de Catarina | 13 | Fazenda do século XVI |     |
| 2 | Labirinto | 8 | Self-service | 14 | Horta e floral - Jardim Musical | Estacionamento gratuito |
| 3 | Cariátides | 9 | Galeria dos Dômes | 15 | Parque dos burros |   |
| 4 | Chancelaria | 10 | Adega dos Dômes | 16 | Espaço para piquenique | Banheiros gratuitos |
| 5 | Jardim de Diane | 11 | Rest. gastronómico - Jardim verde | 17 | Espaço para piquenique (coberto) |  |
| 6 | Castelo | 12 | Galeria das Carruagens | 18 | Creperia | Guarda-volumes gratuito |